

# **JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA:** **“CERTAS MANHÃS O PENSAMENTO DO** **TEMPO ENCORAJA O ROSTO”**

Joaquim Pinheiro  
Universidade da Madeira

**Resumo:** *A construção poética de José Tolentino Mendonça faz-se de movimento, de lugares, de experiências pessoais, de reflexão sobre a dimensão humana, abrindo ao leitor um caminho entre o presente e o futuro, entre a palavra e o sentido. Nesta aproximação, impelidos pelo poema ‘Khôra’, sentimo-nos encorajados a explorar alguns significados, em particular aqueles que dão conta da pervivência da cultura clássica.*

67

**Palavras-chave:** *José Tolentino Mendonça; khôra; Antígona; pervivência da cultura clássica.*

A nossa incursão pela poesia de José Tolentino Mendonça (JTM) mais não será do que uma tentativa de realçar a presença da cultura clássica. Esse processo de descoberta dos sentidos repetir-se-á, de forma incessante, atendendo ao efeito que cada palavra, pela sua singularidade e confluência, exerce na profunda reflexão que se faz e refaz. É uma espécie de maiêutica poética que se gera verso após verso, entre o criador e a palavra, mas também entre quem escreve e o leitor/ouvinte/observador, pois ele sente essa necessidade vital de ter alguém a quem contar: “Pois às vezes me falta a quem contar (...)/ Por isso sei tão bem o valor/ da natureza indiscutível dos teus olhos” (‘O último dia do Verão’( 2006: 148).<sup>1</sup>

A leitura, também feita de observação, de *A noite que abre meus olhos* é uma experiência sem fim, por exigir um constante regresso a cada poema, a cada pedaço de poesia que vive sobre a terra humana. Sobre os poemas deste livro, escreve

<sup>1</sup> Todas citações dos poemas de JTM são feitas do livro *A noite abre meus olhos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2006 (posfácio de Silvana Rodrigues Lopes).

Silvina Rodrigues Lopes no posfácio de *A noite que abre meus olhos*: “fazem sua a condição de prosseguir nomeando o possível, respondendo ao impossível, assim fazendo ressoar a dualidade no âmago do mundo, assim inscrevendo nele os seus trajectos sem regresso” (2006: 7). Nesses trajectos, muitas vezes um “caminho luminoso” (‘Endzeit’, 2006: 210), toca-nos a finura e a sensibilidade com que o poeta desenvolve a sua perspectiva da dimensão humana, na sua relação com Deus, com os outros e com aquilo que o excede ou que não conhece<sup>2</sup>. Não é, ao contrário daquilo que se poderia pensar, uma poesia abstracta. Ela descreve lugares, gentes ou coisas, embora muitas vezes se mantenha, para nós, uma incerteza angustiante sobre a compreensão das palavras, ganhando, assim, o transitório e o incompleto: “a noite fundando/ o obscuro lugar/ dos versos” (‘Canção’, 2006: 21).

O ofício do poeta, um “ofício incerto das palavras” (‘Revelação’, 2006: 25), é diverso, pleno de intencionalidade, mas para o nosso texto interessa sublinhar a noção consciente da mundividência humana, ou melhor, da precariedade da vida, como sucede no poema ‘Esplanadas’ (2006: 88):

Um sofrimento parecia revelar  
a vida ainda mais  
a estranha dor de que se perca  
o que facilmente se perde:  
o silêncio as esplanadas da tarde  
a confiança dócil de certos arredores  
os meses seguidos sem nenhum cálculo  
(...)

Estes versos – para JTM, os versos são “saberes frágeis” (‘Quando ainda se ignora a morte’, 2006: 51) ou “dança inquieta” (‘Os versos’, 2006: 97) – transportam-nos para um dos temas mais relevantes da cultura clássica: o homem perante o destino (*moira*, *ananke* ou *tyche*). Ninguém ao ler, por exemplo, os poemas homéricos fica indiferente à força que o destino assume na definição da própria condição humana. Mas é sobretudo na tragédia clássica que esse destino se torna acção irresistível e devastadora. Ora aleatório, ora imprevisível, o acontecimento trágico parece recair

2 E. Prado Coelho (2005: 135): “Partindo também de uma experiência religiosa, temos ainda a assinalar um poeta que retoma uma tradição que vem de Eugénio de Andrade e de certos poemas de José Miguel Fernandes Jorge: refiro-me a José Tolentino Mendonça. Entre uma sensualidade adolescente e um sentido das pequenas diferenças que assinalam o enigma do mundo, José Tolentino Mendonça consegue falar de Deus e dos homens num balanceamento subtil e enternecido”.

sobre aqueles que, por herança ou não, vivem para sempre tocados por uma mancha (*miasma*). Édipo, Penteu, Hipólito, Fedra ou Medeia ilustram bem a força (*dynamis*) e a própria fatalidade inerente ao existir. Em boa verdade, “nascemos e vivemos só algum tempo” (‘O último dia do Verão’, 2006:148) ou “a vida é uma questão de tempo/ um sopro ainda mais frágil” (‘A rapariga de Providence’, 2006: 151), mas esse instante não é mais do que um desafio à nossa capacidade, até porque “nenhuma morte é tão longa quanto a vida” (‘Ilha dos mortos’, 2006: 196). Ao homem resta, assim, cultivar uma ética, uma moral, vivendo cada instante com consciência, sem exceder a própria vida.

Detenho-me, por momentos, numa dessas figuras trágicas, Antígona, a quem JTM dedica um poema intitulado “Antígona e a lei dos homens” (2006: 131):

Estava tão quieta que podia  
reconstruir o tempo instante a instante  
a história desse sofrimento  
as confidências da casa grande  
– onde se via já velha e sozinha –  
o sobressalto das ameaças

o mundo girava muito mais leve  
ou teria ela aprendido  
como se ultrapassa o medo

sentia-se arrastada  
não por palavras duras  
antes uma espécie de alegria  
em alguma parte  
quando se perguntava:  
«que foi que perdi?»

com os olhos fechados, calmos  
porque não saberia mais a que ligá-los  
sentava-se na penumbra

e esta estranha paz  
era diante dos infortúnios  
o seu único poder

Sempre com a tragédia sofocliana<sup>3</sup> presente, não deixamos de notar nestes versos alguns dos motivos que marcam a história trágica da filha de Édipo. Por um lado, o sofrimento, as ameaças e a capacidade de ultrapassar o medo perante o incerto e um Creonte, defensor da lei dos homens que para ela não é superior à lei divina: “É que essas não foi Zeus que as promulgou, nem a Justiça, que coabita com os deuses infernais, estabeleceu tais leis para os homens. E eu entendi que os teus éditos não tinham tal poder, que um mortal pudesse sobrelevar os preceitos, não escritos, mas imutáveis dos deuses. Porque esses não são de agora, nem de ontem, mas vigoram sempre, e ninguém sabe quando surgiram” (Sófocles, 2007: 450-456). Por outro, a quietude perante o infortúnio, uma atitude que se torna ‘o seu único poder’. Porém, a estrutura circular do poema obriga-nos a voltar ao ponto de partida, aquele em que perspectiva uma viagem de reconstrução, logo um esforço de memória, do tempo ou da história feita de sofrimento. Além disso, a narrativa poética da vivência desta mulher, que ousou enfrentar a lei dos homens, transmite uma imagem que marca também a tragédia de Sófocles: na decisão, na força, na consciência dos actos, no castigo ou no fim, Antígona permanece consigo própria, nesse desprendimento do mundo e das coisas. Se, de facto, a tragédia é também ensinamento ou acção de sentidos, na figura de Antígona funde-se essa mensagem de vida: o poder da quietude (“teria ela aprendido”), que não se faz de tronos, nem de éditos, mas de uma atitude coerente perante o evoluir dos acontecimentos, feita, sublinhe-se, de uma assinalável liberdade de espírito. Afinal, como ela própria responde a Creonte: “Não nasci para odiar, mas sim para amar” (Sófocles, 2007: 524).

Consciente da impossibilidade de a escrita reter fielmente aquilo que nos rodeia (cf. ‘A invenção da língua’, 2006: 76), daí o valor, por exemplo, da voz, a poesia de JTM afasta-se do fútil, do óbvio, exigindo ao leitor bem mais do que a simples leitura de palavras, pois diz também o que não pode ser dito: “também eu me recuso a dizer apenas/o que pode ser dito” (‘Hotel inglês’, 2006: 91). É necessário percorrer o espaço entre a palavra e o seu sentido, para nesse trajecto interrogar o ainda desconhecido ou parcialmente esquecido que se quer presente. Talvez por isso, se valorize tanto a ausência, de um sorriso, de luz ou de um lugar (“Ah tenho saudades de Alexandria”, ‘Saudades de Alexandria’, 2006: 54), que parecem intervalos silenciosos<sup>4</sup> ou lacunas, como se lê no poema ‘Uma floresta pintada por Ilda David’ (2006: 146):

3 Seguimos a tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, 7ª ed.

4 Também o silêncio é uma dos temas recorrentes da poesia de JTM. Deixamos aqui um dos versos que talvez sintetize bem como muitas vezes se sente esse silêncio: “o teu silêncio, ó Deus, altera por completo os espaços” (‘O silêncio’, 2006: 176).

De instante para instante  
identificam-se lacunas, espaços irremediáveis  
distâncias:  
é apenas uma parte  
a experiência que fazemos  
do que seja o tempo  
(...)

J  
A  
N  
E  
L  
A  
D  
A

Na verdade, os espaços ou as lacunas criam distâncias que o tempo devora. Esse tempo, efêmero ou eterno, obriga o homem a fazer um esforço de experimentar a história, a tentar regressar sem a certeza do sucesso e a conviver com a distância do futuro, também ele incerto. Escreveu Píndaro que “sombra de um sonho é o homem” (*VIIIª Pítica*, verso 96, 1977), dando conta da efemeridade e fragilidade da condição humana, algo que ecoa em muitos versos de JTM, não necessariamente numa perspectiva pessimista, mas como orientação ética para o homem que deve conhecer-se, mesmo que o devir lhe escape, por muitas vezes perseguirá a incerteza ou aquilo que poderá ser possível. Esse mistério da existência constrói-se em incessantes etapas, sequenciais ou não, irrepetíveis e, por vezes, tremendamente angustiantes. Mas o homem tem de estar preparado e disponível para a transformação, a metamorfose do ser, que ele ora não domina, ora não tem consciência, e, por isso, tanta dificuldade sente em nomear o que sucede à sua frente e dentro de si.

L  
I  
T  
E  
R  
A  
T  
U  
R  
A

71

Por fim, lançamos a nossa atenção para o poema inédito com o título ‘Khôra:

Nem que seja pelo pobre caminho entre aldeias  
por meio de ervas da altura de um homem  
certas manhãs o pensamento do tempo encoraja o rosto  
antes de uma jornada devorada  
e então eu sei mesmo sem olhar os teus olhos

A vida tem inimagináveis distâncias?

Na estrada que vai rumo ao futuro  
não vemos nenhum sorriso  
é tão belo sonhá-lo  
muito diferente uma última vez



por uma elipse, um rasgão, uma alteração cutânea imediatamente acima como se o mundo estivesse a desprender-se dos glaciares

Logo o título nos remete para o universo helénico. Por *khôra* podemos entender 'lugar', 'região' ou 'espaço', mas também 'intervalo', 'terra', 'pátria' ou 'país'. Deste modo, é um termo cujo sentido depende muito do contexto em que se insere. O seu estudo leva-nos a Platão, que no *Timeu*, combina o sentido de lugar com o de não-lugar (*ou-topos*)<sup>5</sup>. A desterritorialização ou a referência a um espaço sem fronteiras, vago, comum, extenso, contribui para a elaboração de uma linguagem fortemente imagética, que cria movimento, dentro e fora do texto. Nessa errância, à semelhança de Sócrates, encontra a escrita a sua semântica e as suas categorias de pensamento, em suma, o seu *logos*. Se muitas vezes *khôra* designa um lugar definido, neste caso aparece, sobretudo, a ideia da (im)possibilidade da definição do espaço, pois tudo parece vago: 'pobre caminho', 'certas manhãs', 'na estrada', 'imediatamente acima', 'como se o mundo estivesse'. Do caminho, sinal de um espaço mais rural, à estrada, trajecto para o futuro, o homem tem a possibilidade, sem data definida, de em 'certas manhãs' se sentir encorajado pelo pensamento do tempo. Isso abre a possibilidade de se saber ('eu sei'), mesmo sem haver contacto visual. Mas saber o quê? O valor do tempo, talvez. No entanto, a interrogação colocada intencionalmente a meio do poema, num momento de transição, relembra-nos a inquietação da 'distância', aquela que distância entre nós e o não-lugar, entre nós e o futuro que se refaz sucessivamente. Onde estamos deixa de haver futuro, mas apenas a possibilidade de o pensarmos ou de o sonharmos. Para o ser humano percorrer essa "estrada que vai para o futuro" torna-se tão avassalador, quanto necessário. Essa estrada, um lugar pouco definido, não representa a totalidade, mas um meio que alguns trilham, onde não se vê 'nenhum sorriso', mas sonha-se. Assim, o homem aproxima-se muitas vezes do entendimento do futuro por meio do sonho, pois viver talvez também seja uma forma de sonhar. A este propósito, recordamos que V. Hugo, em *Os Miseráveis*, afirma que se pode julgar de forma mais correcta um homem por aquilo que ele sonha do que por aquilo que ele pensa.

Por conseguinte, a pergunta "A vida tem inimagináveis distâncias?" remete-nos para o mistério da vida, dos seus trajectos, do presente que se

5 Jacques Derrida e Gilles Deleuze propõem várias reflexões sobre estes sentidos de *khôra*; a este propósito, vide R. Guimarães, "Espaço e Lugar: relações impossíveis com a possibilidade de nomear", *Aletria* 15, 2007, pp. 245-252.

desfaz e do futuro em desconcertante metamorfose. Assim, o poema torna-se interpelação ao pensamento sobre o espaço ilimitado, mas isso não nos faz abdicar do compromisso humano de tentar atravessar as fronteiras do nosso sentir e querer.

### **Bibliografia**

Prado Coelho, Eduardo: 2005. "Dez anos de Poesia Portuguesa: o retorno à imagem e à narrativa", in I. Margato e R. Cordeiro Gomes (orgs.), *Literatura/Política/Cultura (1994-2004)*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, pp. 129-140.

Guimarães, R. 2007: "Espaço e Lugar: relações impossíveis com a possibilidade de nomear", *Aletria*, nº 15, pp. 245-252

Mendonça, José Tolentino: 2006. *A noite abre meus olhos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2006 (posfácio de Silvina Rodrigues Lopes).

Pindarus: 1977, *Pars. Epinicia*, B. Snell – H. Maehler (edd.), Bibliotheca Teubneriana, Lipsiae et Stutgardiae.

Sófocles: 2007. *Antígona*, trad. port. de Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

J  
A  
N  
E  
L  
A  
  
D  
A  
  
L  
I  
T  
E  
R  
A  
T  
U  
R  
A